



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da reunião com lideranças empresariais para apresentação da proposta de reforma tributária**

**Palácio do Planalto, 27 de fevereiro de 2008**

Eu quero cumprimentar todos os companheiros e as companheiras que vieram a este encontro e prestar a minha solidariedade ao companheiro José Sérgio Gabrielli, da Petrobras, pelo incidente que houve ontem na P-18, quando um helicóptero que buscava os trabalhadores da plataforma teve um problema, foi obrigado a um pouso de emergência na água, e até agora tem a confirmação de três mortes. Significa que dos quatro desaparecidos, alguns já morreram, tem um ainda que se tem expectativa. Mas o que é importante, José Sérgio, é a demonstração de um trabalho sério, em que se conseguiu salvar 15 pessoas no mesmo ato. Uma coisa extremamente importante. Então, a minha solidariedade, espero que não aconteça mais.

Quero parabenizar também o companheiro Guido Mantega e a sua equipe, que junto com o companheiro Paulo Bernardo conseguiu produzir uma proposta de política tributária que, certamente, não é ideal e certamente, não haverá ideal. Nós temos que fazer uma proposta de política tributária que seja aprovada pelo Congresso Nacional e que possa dar respostas aos anseios que a sociedade brasileira tem de poder ver crescer a sua economia, geração de empregos, distribuição de renda e enfim, tornar o País melhor do que é hoje.

Temos que trabalhar com a diversidade dos vários grupos que aqui estão representados, das outras dezenas de grupos que não estão aqui, dos trabalhadores, porque é um exercício de boa vontade, um exercício de democracia e um exercício de convencimento. Se essa proposta sair daqui, dermos entrada no Congresso Nacional, e vocês simplesmente acharem que é papel do Guido Mantega aprová-la, é uma criança natimorta. Vamos ter claro



de que esse é um exercício democrático em que, como disse o Emerson Kapaz, todo mundo terá que se engajar para que a gente aprove.

Obviamente, o Congresso pode aperfeiçoar a política tributária. Nem sempre o Congresso faz coisas piores do que o que entra lá. Muitas vezes eles melhoram as coisas do governo que entram lá. Então, é importante que a gente tenha a clareza: é um ano político, temos eleições municipais, até junho o Congresso estará trabalhando a todo vapor. Depois de junho nós temos o problema das eleições e, portanto, muitos estarão perambulando pelas ruas deste País pleiteando votos e nós teremos mais dificuldades.

Se, todos os congressistas fizerem valer os discursos que fizeram durante a campanha – que é muito recente – sobre política tributária, certamente, nós aprovaremos a política tributária. Talvez aqui, dois deputados – o Sandro Mabel, que está ali à minha direita, e o Rigotto que está aqui à minha esquerda, que foi deputado e lutou tanto para aprovar a reforma tributária lá atrás – sabem que a tarefa não é fácil porque existem outros milhares de grupos de pressão, que não estão aqui, e que vão agir dentro do Congresso Nacional. Então, é importante que a gente tenha apenas essa responsabilidade. Os empresários e as entidades... nós temos que assumir a responsabilidade por esse projeto que... Quero lembrar ao Robson que, certamente, esse projeto não é o sonho de muitos de vocês, mas ele significa a cama, o travesseiro, significa o lençol. O sonho vai depender da leveza com que a gente trabalhar esse projeto.

O dado concreto é que nós precisamos dar um salto de qualidade. Nós não podemos mais ficar – nem governo, nem oposição, nem empresários, nem ninguém – falando mais em política tributária, se a gente não tiver coragem e competência de transformar essa realização, que vocês ajudaram a construir junto com o Guido, que os trabalhadores ajudaram a construir junto com o Guido, numa nova política tributária brasileira. Se nós estivermos convencidos disso, certamente nós teremos chances enormes de aprovar a política tributária



ainda este ano. E por que eu acho que nós poderemos aprová-la ainda este ano? Porque nós vivemos um momento importante no Brasil.

Eu estou vendo aqui empresários de cabelos brancos, empresários com pouco cabelo. Hoje, ficar sem cabelo é difícil, porque os implantes estão aí para fazer... Estou vendo empresários que eu conheço pelo menos há 30 anos.

O meu papel aqui, Guido, o meu discurso estava previsto para a abertura, então como eu não sei o que você expôs e o que foi discutido, o meu discurso pode parecer atravessado. Mas uma coisa que eu quero dizer para vocês é que eu tenho andado pelo Brasil tentando passar otimismo para a sociedade brasileira. E por que otimismo? Porque eu tenho 62 anos de idade, vinte deles dentro de uma fábrica fazendo as minhas pautas de reivindicações, dez deles como presidente de sindicato de trabalhadores, mais um tanto deles fazendo política de oposição e cinco como presidente da República.

Em todo esse período da minha vida, eu acho que nós encontramos um denominador comum para o povo brasileiro. As coisas se assentaram. Quando você enche um caminhão na roça de abóbora, você joga uma em cima da outra, no trajeto, se a estrada não for bem asfaltada, se for de pedra, se for de terra, você vai chegar no fim da viagem e as abóboras estarão todas assentadinhas como se alguém as tivesse arrumado.

Vocês participaram conosco desde o começo, e sabem que na semana passada todos os brasileiros receberam uma notícia que, possivelmente, nenhum de nós acreditasse. Uma notícia que possivelmente nenhum de nós acreditasse, uma notícia mais do que ótima, porque, pela primeira vez, em 500 anos, o nosso País, passa da condição de devedor para a condição de credor. Isso não é pouca coisa. Hoje, o Brasil tem 213 bilhões de dólares de reserva, enquanto a nossa dívida externa alcança um total de 196 bilhões de dólares. Muitos desejaram e muitos morreram sem ver esse momento.

Por isso que eu valorizei muito. Quando eu recebi a notícia, confesso a vocês que eu me senti mais brasileiro do que em outros momentos. Até porque



eu peguei o fim da ingerência do FMI aqui no Brasil. Eu tinha paura quando abria o jornal, eu era da oposição e via: “Comissão do FMI chega ao Brasil”, “Comissão vai discutir ajuste fiscal”, “Comissão vai discutir não sei o que lá”. “Comissão vai discutir...” quer dizer, aquilo me deixava meio nervoso porque nós tínhamos conquistado a nossa independência em 1822.

Eu fui agora há pouco ao Congo, e por causa de uma dívida externa, eles querem fazer uma estrada e o FMI não deixa. Eles querem fazer uma universidade e o FMI não deixa, achando que o dinheiro é para fazer um ajuste fiscal que tem que fazer, então, o país fica atrofiado, não cresce. No fundo, no fundo, o que eu quero dizer? Hoje, o Brasil poderia pagar toda a sua dívida externa, a pública e a privada e ainda sobraria a mesma quantidade de dinheiro que nós tínhamos quando foi decretada a moratória pelo então ministro Funaro. É uma coisa no mínimo extraordinária para a nossa geração, que vive esse momento. É uma coisa que nós precisamos meditar, porque a mudança de patamar é uma mudança histórica. Afinal, durante quase toda a nossa história, fomos devedores em relação ao resto do mundo e durante muito tempo, sofremos com o peso da dívida externa e com as crises cambiais.

Hoje, é diferente. Hoje o Brasil é credor internacional e como cidadão brasileiro, eu estou muito orgulhoso dessa mudança. Vocês sabem que não foi fácil essa virada. Foi necessário trabalho duro e muito sacrifício. Primeiro dominamos a inflação, melhoramos as contas do governo, derrubamos aos poucos os juros e reduzimos gradualmente o tamanho da dívida pública em relação à nossa economia. Impulsionamos as exportações e diminuimos a nossa vulnerabilidade externa da economia brasileira.

Hoje, o País voltou a crescer, a gerar empregos e aumentar salários e a distribuir renda. Hoje, temos mais divisas em Caixa do que devemos lá fora. Respiramos um novo clima, na verdade estamos colhendo, Guido Mantega, o que plantamos. Mas tem gente que diz que nós só aproveitamos uma situação internacional favorável, mas o fato é que no passado, a economia mundial



também viveu bons momentos e nem por isso o Brasil foi bem. Outros dizem que tudo foi sorte. Da minha parte, acho que um pouco de sorte não faz mal a ninguém. Deus me livre de ser pé frio como muitos foram neste País.

Mas o fato é que a sorte só ajuda a quem trabalha duro e toma decisões na hora correta, e aqui eu quero dizer uma coisa para vocês. Quem de vocês tomaria a decisão que nós tomamos em 2003, de fazer aquele ajuste fiscal? Que político deste País tomaria a decisão que nós tomamos em 2003? Que político tomaria a decisão de aumentar o superávit primário de 3,75 para 4,25, para que a gente pudesse dar a volta por cima depois? Isso não acontecia porque eu canso de dizer, que o problema da classe política brasileira é que eles governam pensando apenas nas próximas eleições e não pensando nas próximas gerações. Eu acho que isso permitiu, que com o sacrifício que todos nós fizemos, o Brasil pudesse chegar hoje a esse momento que eu considero, se não ainda auspicioso, o melhor que eu vivo na minha vida, porque eu vivi um momento extraordinário do milagre brasileiro. Na década de 70, eu era metalúrgico em São Bernardo do Campo, a economia crescia 10%, 14%, emprego farto. Só que quando nós tivemos que pagar a dívida, o que aconteceu? Nós descobrimos que os mais ricos tinham ficado mais ricos e os mais pobres, mais pobres. Depois disso, qual o momento que nós tivemos no Brasil, nessas últimas quase três décadas, em que se apresentaram as condições extraordinárias para que nós déssemos o salto de qualidade que nós estamos dando. Porque não é um ou outro setor que está dando certo, são centenas de setores que, como disse o companheiro da construção civil, havia 26 anos que só decresciam, e que resolveram, nos últimos dois anos, recuperar o seu poder de investimento, o seu poder de crédito e também, obviamente, que se não melhorasse a vida dos que podem comprar, iríamos fazer conjuntos habitacionais como fazíamos no passado, não tínhamos comprador e aí apareciam os invasores que ocupavam conjuntos e mais conjuntos no Brasil e eu ainda ajudava a ocupar, era pelo menos solidário.



Então, eu queria que vocês atentassem para esse momento, porque pode ser sorte, pode ser o que a gente quiser, mas o dado concreto é que nós construímos esse momento. De vez em quando as pessoas tentam fazer com que eu tenha uma briga com o sistema financeiro porque está ganhando demais e eu digo sempre: graças a Deus o sistema financeiro está ganhando, porque se ele perder, nós vamos ter que criar um novo Proer e vai ficar muito mais caro para o País.

De vez em quando as pessoas falam: “mas os empresários estão ganhando muito bem”. É só pegar a lista dos 500 maiores empresários. Pode escolher setor, Guido. Sorteia, coloca numa caixinha e pega um setor. Nós vamos perceber que todos estão ganhando de forma muito vigorosa. E eu também acho bom. Acho bom porque se vocês ganham, as empresas de vocês crescem, vocês vão ter que produzir mais, vão ter que aumentar a fábrica, vão ter que aumentar o turno, vão ter que, no comércio, trabalhar uma hora a mais, e quem ganha com isso, no fundo, no fundo, é o País, porque se os empresários estiverem bem, os trabalhadores estiverem bem, eu acho que tudo mais anda bem neste País.

Esse é o conjunto das coisas que nós conseguimos construir até agora. Fizemos tudo? Não. Não fizemos tudo porque ainda falta muito para fazer e nós não recuperaremos o descaso social de séculos neste país, em 10, 15 ou 20 anos. Levaremos ainda alguns anos. O que é extremamente importante, é que essa proposta de política tributária mostra que o governo não está disposto a brincar em serviço. Vocês estão lembrados que em 2003 eu disse que primeiro a gente tinha que fazer o necessário, depois a gente faria o possível, e quem sabe depois, a gente pudesse até começar a fazer aquilo que parecia impossível.

Eu estou vendo os companheiros da indústria automobilística aqui. Quantas reuniões eu fiz com eles quando era dirigente sindical, Armando? Dezenas. Todos eles... estava tudo em vermelho, todo ano era uma reunião em



que eles fechavam em vermelho. No começo do meu governo quantas reuniões nós fizemos aqui? Quanto pessimismo nos primeiros dois anos? “O mercado interno não vende, porque as importações não vendem, porque não sei das quantas”. Eles hoje, até perderam a conta dos carros que estão produzindo. E o que é grave: sabem que o mercado interno está vigoroso, porque aprenderam que era preciso também flexibilizar no montante de prestações, para que a gente pudesse atingir um outro segmento da sociedade, que não fosse apenas a tradicional classe média que podia comprar carro.

E o que aconteceu? O milagre da multiplicação. E não é apenas para carro não. Tentem comprar um caminhão pesado hoje, vão esperar nove meses, seis meses, e se fizerem o que estou pedindo, de aumentar o número de prestações para o motorista autônomo, nós vamos renovar a frota de fato e de direito neste País e as empresas que: “vamos embora do Brasil porque não produz, não vende caminhão”, vão ter que produzir aqui para vender para os seus países, para as matrizes, porque as condições estão amplamente favoráveis.

A política tributária apresentada pelo Guido Mantega vem coroar todas as conversas que nós tivemos nesses cinco anos. Vem fortalecer tudo o que foi construído, Rigotto, desde quando você e o Palocci eram da comissão, não sei se o Sandro Mabel era da comissão, mas muita gente cheia de boa vontade trabalhando e quando chega na hora de votar, parece que alguém que tem um poder que ninguém sabe quem é, vai lá e atrapalha e as coisas não são votadas.

Eu me lembro dos nossos companheiros produtores de álcool no País. Eram tratados, se me permitem a palavra, como se fossem prostitutas na política nacional. Porque se não havia compromisso de mercado, não havia autoridade para exigir que o mercado fosse corretamente atendido. Na hora em que senta e estabelece regras, tudo fica mais fácil. Hoje é um setor que tem



oportunidades não apenas internas, mas externas, igual a qualquer outro setor dinâmico da economia brasileira.

Ontem – não estou vendo o Gerdau aqui – ontem eu fui, Gerdau, até perto de uma fábrica sua, mas eu fui fazer uma visita à siderúrgica da TyssenKrupp, Siderúrgica do Atlântico, não é isso? Um monumento extraordinário de investimento de três bilhões de euros, que atualmente está com 14 mil trabalhadores e vai chegar a 18 mil trabalhadores até ela ficar pronta quando, então, terá 3 mil e 500 trabalhadores fixos. Mas, em seguida, eu fui à Michelin, uma empresa que esteve pensando em sair do Brasil e que de repente vai ter no Brasil a mais moderna produção de pneus. Nunca tinha visto pneus daquele tamanho, confesso a vocês. Um pneu que pesa mil e não sei quantos quilos, pesa mais do que um carro. São pneus para caminhões, certamente para a Vale do Rio Doce ou para exportação, porque eu não sei se nós temos estradas que caibam um pneu daquele tamanho.

No dia 31 de março, eu vou ao Rio de Janeiro começar a terraplanagem do pólo petroquímico de Itaboraí. Possivelmente, quando começar a construção, será o maior investimento em ação no nosso País. E, concomitantemente, estaremos construindo a refinaria de Pernambuco, concomitantemente, Gerdau, estaremos construindo a siderúrgica do Ceará. Esta semana tem reunião para isso e, concomitantemente, nós estaremos realizando as obras do PAC. O PAC, o Paulo Godoy sabe perfeitamente bem, que muita gente dizia: “vai ser mais um programa, o Brasil já lançou tantos programas... propaganda na televisão, essa coisa não vai sair”. Não houve quem não desacreditasse. E eu, Godoy, vou te convidar, e a mais alguns companheiros da construção civil, porque eu vou fazer uma peregrinação pelas obras do PAC este ano. Eu penso que agora no mês de abril, nós deveremos desabrochar grande parte dos investimentos que foram anunciados para o PAC. Vou agora, no dia 7, ao Rio de Janeiro, começar a grande obra no Complexo do Alemão, na Rocinha e em Manguinhos, que talvez seja a maior





intervenção urbana na área de saneamento básico já feita na história deste País. E por que isso foi possível? Porque nós construímos juntos esse momento. Nós construímos juntos.

Então, agora a gente não está mais naquele momento de dizer: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Naquele momento em que a gente discutia tudo com tensão, tudo com alvoroço, ninguém acreditava em nada. Nós construímos um outro momento. Um momento em que nós poderemos confiar naquilo que nós construímos. Depois que a Petrobras encontrou petróleo na camada pré-sal, qualquer governo deste País pode ser chamado de “sheik do petróleo”, demora alguns anos, quatro ou cinco anos. Eu penso que nós estamos vivendo um momento excepcional. Por isso, o meu orgulho neste momento histórico do Brasil. Sabendo que nós temos que fazer muita coisa, a dívida social está aí para acontecer, ainda por vários anos e temos que pagá-la. Fazer o reconhecimento dos setores mais empobrecidos da população, que durante tanto tempo foram segregados.

Ontem, eu fui entregar os prêmios da Olimpíada da Matemática. Trezentos jovens ganharam medalha de ouro, de 17 milhões e 300 mil que participaram, de escola pública. Um deles é um cearense de 19 anos, anda de cadeira de rodas, tem um problema de doença sério, o pai dele o levava para a escola em um carrinho de mão, empurrando-o, porque a cadeira de rodas não consegue andar no cascalho, e esse moleque virou bi-campeão na Olimpíada de Matemática deste País. O que isso significa? Isso significa que tanto nós, seres humanos, precisamos de oportunidades e de acreditarmos em nós mesmos, como o País precisava de credibilidade e acreditar em si próprio.

Um dirigente deste País tem que andar no mundo de cabeça erguida. Quando a gente devia muito, quando a gente tinha de negociar com o FMI, quando a gente tinha que correr para lá, no mês de dezembro, para pegar dólar para saldar o nosso caixa, aqui, ninguém que está nessa situação vai de cabeça erguida, porque a situação é desfavorável e é quase pedir um favor.



Então, estou dizendo isso, meus companheiros, porque eu queria pedir para vocês a compreensão do momento político que nós construímos neste País. Quando eu digo “nós”, é muito mais gente do que nós que estamos aqui. Essa política tributária é um grande momento para a gente combinar com o Congresso Nacional a discussão de coisas que interessam efetivamente ao povo brasileiro. Ninguém está querendo discutir as picuinhas deste País, isso pode interessar a alguém que está pensando apenas na próxima eleição, mas não interessa a nenhum brasileiro que está querendo ver este País se transformar em uma nação respeitada, em uma nação com interferência nas decisões das políticas sociais do mundo, nas políticas econômicas, nas políticas de segurança.

E quando a gente manda um projeto dessa envergadura, resultado de tantas conversas, eu só poderia terminar pedindo para vocês o seguinte: vamos fazer dessa proposta de política tributária – sem que ninguém abra mão das suas convicções setoriais – vamos fazer dessa proposta uma profissão de fé. E vamos para dentro do Congresso Nacional conversar com os nossos deputados, com os nossos senadores, para que eles enxerguem que quem vai ganhar com isso não é o governo, quem vai ganhar com isso não é o Guido Mantega, porque também não é candidato a nada, quem vai ganhar com isso não é o presidente Lula, que também não é candidato a nada. Quem vai ganhar com isso é uma coisa maior do que nós, chamada Brasil, é o povo trabalhador, são os empresários, são os consumidores deste País. E, quem sabe, nós façamos parte da geração que, nos próximos 10 ou 15 anos, poderá se orgulhar de estar vivendo em um país que ainda não atingiu a plenitude que o Primeiro Mundo atingiu, mas que atingiu a plenitude de um país que respeita o seu povo e garante oportunidade para todos. É esse o objetivo dessa proposta de política tributária. É esse o objetivo de fazermos com que as coisas aconteçam não apenas aqui mas lá, dentro do Congresso Nacional. E depois, na regulamentação das coisas que nós vamos precisar regulamentar. Não faz



muito tempo, nós aprovamos a Lei-Geral das Micro e Pequenas Empresas, que era uma coisa unânime entre nós, e está com problema em muitos estados. Então, é importante que os empresários e o governo comecem a mapear o que está acontecendo em cada estado em que a Lei Geral não entrou 100% em funcionamento e onde não está acontecendo o que nós prevíamos que ia acontecer. Porque é um País em que o botijão de gás, em um lugar, tem ICMS de não sei quantos por cento, num outro tem de 12%, num outro tem de 22%, em um outro tem de 34%, o preço da coisa tem um valor em cada lugar. Então, essa proposta visa colocar um terno novo na política tributária deste País, para a gente saber contar os botões e fazer com que parte do desenvolvimento regional deste País se dê pelas políticas de investimento, que os estados e o governo possam fazer com a sua proposta de desenvolvimento regional e não pela guerra fratricida entre governadores. Alguns, oferecendo o que não é deles, alguns oferecendo o que não têm.

Essa proposta, meus senhores, torna o tributo brasileiro mais justo, mais transparente e mais motivo de orgulho para a gente sonhar com uma redução das alíquotas e aumentar a carga.

Eu tenho uma divergência conceitual quando se fala: “aumentou a carga”, porque você pode aumentar a carga se todo mundo pagar, mesmo diminuindo as alíquotas. E nós poderemos combinar isso. Todos nós acreditamos que é possível. Na hora em que você reduz as alíquotas, você consegue fazer com que mais gente ouse em ser justo e pague os seus tributos, porque sabe que eles vão ser direcionados para uma coisa a bem do povo brasileiro.

Companheiro Guido Mantega, meus parabéns. Meus parabéns, Paulo Bernardo. Parabéns Beka, por essa proposta. E logo, logo, estaremos convidando vocês para apresentar a proposta de política industrial, que está pronta. E logo, logo, nós vamos anunciar, porque eu acho que agora é a vez do nosso País ganhar cidadania.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Muito obrigado.

(\$211A)